



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO SEM REVISÃO

COMISSÃO DO ESPORTE			
EVENTO: Audiência Pública	REUNIÃO Nº: 1596/16	DATA: 07/12/2016	
LOCAL: Plenário 04 das Comissões.	INÍCIO: 15h12min	TÉRMINO: 17h15min	PÁGINAS: 47

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO
AGBERTO CONCEIÇÃO GUIMARÃES - Diretor Executivo de Esportes do Comitê Olímpico do Brasil – COB. JORGE BICHARA - Gerente Geral de Alto Rendimento do Comitê Olímpico do Brasil – COB.

SUMÁRIO
Avaliar, com o Comitê Olímpico do Brasil — COB, os Resultados da Delegação Brasileira nos Jogos Olímpicos RIO 2016

OBSERVAÇÕES
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO, APENAS PARA CONSULTA.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Boa tarde a todos e a todas!

Nós estamos aqui, iniciando a nossa audiência pública da Comissão do Esporte, em razão da aprovação de requerimentos de minha autoria e do Deputado João Derly — Requerimentos nºs 120 e 128 —, com o objetivo de avaliar, com o Comitê Olímpico do Brasil — COB, os resultados da delegação brasileira nos Jogos Olímpicos de 2016.

Eu queria convidar, para tomar assento à mesa, o Sr. Jorge Bichara, Gerente-Geral de Alto Rendimento do Comitê Olímpico do Brasil, e o Sr. Agberto Conceição Guimarães, Diretor Executivo de Esportes do Comitê Olímpico do Brasil — COB.

Bem-vindos e obrigado pela atenção dispensada a esta Comissão, deslocando-se para nos ajudar a refletir sobre o tema que é objeto desta Comissão.

Queria registrar, também, a presença do Deputado Afonso Hamm, e de outros Deputados que já deram presença e tiveram apenas que sair. Aqui nós ficamos nesse conflito de presenças em Comissões, de um lado e de outro. Já estiveram aqui a Deputada Flávia, o Deputado César Halum e vários outros Deputados. Eles devem retornar em breve.

Antes de passar a palavra aos nossos expositores, queria dizer que cada um dos nossos expositores, obedecendo às regras do nosso Regimento, terá em torno de 15 minutos para sua preleção, prazo que poderá ser, evidentemente, alterado, de acordo com a necessidade. Depois, nós abriremos os debates, com a inscrição dos Srs. Deputados e Deputadas, pelo tempo de 3 minutos, e, num terceiro momento, se alguém da audiência tiver também interesse, nós podemos abrir a palavra para a sua manifestação.

Passo a palavra, então, inicialmente, ao Sr. Agberto Conceição Guimarães.

O SR. AGBERTO CONCEIÇÃO GUIMARÃES - Boa tarde a todos.

Boa tarde, nobre Deputado e conterrâneo, Arnaldo Jordy.

É uma satisfação, um prazer, uma honra estar aqui com vocês.

Eu não vou usar os meus 15 minutos, porque o Jorge Bichara, que é o Gerente-Geral de Alto Rendimento do Comitê Olímpico do Brasil, terá mais tempo para fazer a sua explanação, para que os senhores entendam um pouco do trabalho que foi feito nesses últimos anos, que culminou com o resultado do Brasil nos Jogos Olímpicos Rio 2016.



Jorge, toca o barco aí, por favor. Qualquer coisa, eu entro na sequência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Quero só informar a todos — foi um lapso aqui da Mesa — que esta nossa audiência está sendo transmitida ao vivo, pela Internet. Portanto, nós poderemos ter também interação com alguns internautas, que geralmente frequentam, com muita assiduidade, as nossas audiências públicas.

O SR. JORGE BICHARA - Boa tarde a todos.

Meu nome é Jorge Bichara. Eu sou Gerente de Performance do Comitê Olímpico Brasileiro. A intenção aqui é apresentar um pouco desse processo de avaliação, que neste momento ainda está ocorrendo dentro do COB.

Nosso processo de avaliação envolve três momentos. No primeiro deles, faz-se uma avaliação preliminar dos resultados obtidos e das modalidades que conquistaram resultados. Depois, há um momento de discussão interna com as Confederações a respeito das *performances* individuais de cada atleta.

(Segue-se exibição de imagens.)

Vou comentar de uma forma bem breve a apresentação que eu trouxe para vocês, apesar de que ela vai ficar à sua disposição para análises posteriores.

Por meio desta tabela, nós tentamos inicialmente buscar uma visão dos países mais bem colocados nos Jogos Olímpicos. Por que trouxemos esses dados? Porque eles demonstram inicialmente a quantidade de modalidades em que cada país conquistou medalhas. Os Estados Unidos, por exemplo, conquistaram medalhas em 27 modalidades, sendo que 14 dessas medalhas foram de ouro. Mais à frente vocês vão entender por que nós trouxemos esses dados.

Estes são os quatro principais países do quadro de medalhas: Estados Unidos, Grã-Bretanha, China e Rússia. Aí se demonstra, dentre as 42 modalidades participantes dos Jogos, em quantas modalidades cada país conquistou medalhas.

Passando para o próximo eslaide, vemos outra sequência de potências no quadro: Alemanha, Japão e França. Na parte de baixo do eslaide — não sei se é possível ler —, há uma relação dos resultados em Pequim e em Londres. Eu vou falar sobre esses exemplos.

O que eu quero dizer com esta apresentação? Nem todos os países são bons em todos os esportes. Muitos deles elegem esportes cuja prática está relacionada à



sua cultura ou nos quais eles têm capacidade de desenvolvimento. Eles focam seus investimentos nesses esportes.

O grande vencedor dos Jogos, o país que mais conquistou medalhas, os Estados Unidos, dentre as 42 modalidades de esportes, conquistou medalhas em 27, sendo que somente em 14 delas eles conquistaram medalha de ouro. Estes são dados de referência que acho que ajudam nas análises de todos.

Este é um comparativo interessante entre Alemanha e Japão. A Alemanha conquistou 42 medalhas, e o Japão, 41. Mas há uma diferença grande entre as suas modalidades medalhistas: a Alemanha tem 21 modalidades medalhistas, e o Japão tem 11 modalidades medalhistas.

Isso indica que eles têm um direcionamento estratégico diferenciado. Observando a estrutura de resultados da Alemanha, percebe-se que ela sempre conquista uma, duas, três medalhas. É ali que eles focam. Eles têm estrutura interna, centros de treinamento, bons treinadores, o que os permite diversificar, pulverizar esses investimentos.

O Japão tem características diferenciadas. Ele tem uma população menor, uma estrutura diferente de preparação. Ele foca mais algumas modalidades que são seus carros-chefes. A principal modalidade do Japão é o judô: das 14 medalhas disponíveis, eles conseguiram conquistar 12.

O SR. AGBERTO CONCEIÇÃO GUIMARÃES - Isso é natural, porque a Alemanha tem um biótipo diversificado, que permite que eles invistam em mais esportes do que o Japão. A raça influencia muito nessa escolha.

Continue, por favor.

O SR. JORGE BICHARA - Neste eslaide vê-se um terceiro grupo de países, formado por Itália e Austrália. A Itália tem uma *performance* bem interessante, porque nos últimos três Jogos, incluindo os do Rio de Janeiro, ela conquistou a mesma quantidade de medalhas, 28, sendo 8 delas medalhas de ouro.

E aí se começa a entrar num padrão de quantidade de modalidades medalhistas. A Itália conquistou medalhas em 13 modalidades, a Austrália também com 13 modalidades. A Austrália, nos últimos três jogos, diminuiu a quantidade de medalhas conquistadas. Os australianos conquistaram 46 medalhas em Pequim, conquistaram 35 medalhas em Londres e agora conquistaram 29 medalhas no Rio



de Janeiro. Eles têm um carro-chefe, a nataçã, que é tradicionalmente muito forte. Eles focam nesse investimento, que é o carro-chefe deles.

Este é o grupo no qual o Brasil se encaixa hoje, um grupo que vai de 17 a 21 medalhas conquistadas nos jogos, mas com um perfil de quantidade de modalidades medalhistas similar, que vai de nove a 12. É onde nos encaixamos. Coreia, Holanda, Espanha, Canadá, Nova Zelândia e Dinamarca são hoje os principais adversários do Brasil nesse grupo em que nos encontramos. Esses países têm este nível de característica similar, uma quantidade de modalidades similar, um padrão de modalidades. O interessante nesse grupo é a ascensão de alguns países. A Nova Zelândia é um país que não vinha com performances nesse nível: em Pequim conquistou nove medalhas, em Londres conquistou 13 medalhas e, nos jogos do Rio de Janeiro, conquistou 18 medalhas. A Dinamarca também, chegando com 15. O Canadá sempre foi um país forte nos jogos: conquistou 22 medalhas, com uma quantidade menor de modalidades, com 11 modalidades, somente em quatro conquistando o ouro, mas sempre foi tradicional. A Espanha conseguiu manter um patamar de resultados mesmo depois de seus jogos em casa, baixou um pouquinho, mas se encaixou naquele padrão de 17 ou 18 medalhas, que conquistou nos últimos três jogos. A Coreia baixou. Era de um grupo acima, foi para esse grupo agora, encaixou-se nesse grupo de perfil similar. A Holanda, que nós esperávamos que teria *performance* melhor nos jogos do Rio e cujo ano anterior ao dos jogos foi muito bom em relação à participação em campeonatos mundiais, conquistou 19 medalhas no Rio, em 12 modalidades.

Estes são países que estão ascendendo neste grupo agora, mas têm um direcionamento diferente nos investimentos. Uzbequistão, Cazaquistão, Azerbaijão estavam sempre um pouquinho fora desses grupos e agora começaram a chegar, com 13, com 17, com 18 medalhas, mas o histórico deles não era assim. O Uzbequistão conquistou seis medalhas em Pequim, quatro medalhas em Londres e 13 medalhas no Rio, mas eles têm uma característica similar de resultados. Eles têm muitos resultados em esportes de combate. Isso os caracteriza, é da origem deles. Tradicionalmente eles praticam esses esportes de luta, levantamento, judô, boxe. Naturalmente eles vêm desenvolvendo atletas nessas modalidades. São poucas, mas eles concentram investimentos nessas modalidades. Temos aqui a Hungria, por



situações particulares. Esse país tem uma nadadora fantástica, que, no último ciclo, talvez tenha sido a medalhista com maior quantidade de medalhas em campeonatos mundiais e que carrega a natação da Hungria para esse patamar de resultados em que se encontra hoje.

Vou passar rapidamente por esses quadros, que descrevem esses resultados. O interessante disso é o grupo em que se encaixa o Brasil, o do patamar de 17 a 22 medalhas e nove a 12 modalidades, com novos países chegando — Dinamarca e Nova Zelândia.

Uma característica dos Top 20 é que sempre têm resultados baseados principalmente numa estrutura boa de treinamento. Todos têm centros de treinamento qualificados, que permitem que os atletas se desenvolvam e consigam evoluir, com o trabalho de bons treinadores.

Nesse *slide* o que eu trago de interessante é a *performance* da Grã-Bretanha, o único país entre os 20 primeiros que tem uma ascendência linear nos três últimos jogos. Eles vêm crescendo nesses jogos, seja na quantidade de medalhas, seja na quantidade de medalhas de ouro.

Uma constatação interessante, que se fala muito na globalização, na distribuição maior de medalhas, mas o que vemos é uma especificação, uma concentração em algumas modalidades tradicionalmente relacionadas ao investimento desses países.

Aqui é um quadro comparativo da evolução do País e dos resultados dos últimos três jogos.

Também uma informação a respeito das quantidades de medalhas em disputa. Vemos um pouco de como esse quadro se caracteriza. Um exemplo do que significa a coluna E e a coluna B, a coluna A é a quantidade de medalhas em disputa em um esporte. O atletismo distribui 141 medalhas. Se um mesmo país conquistar todas as medalhas, ele pode conquistar 133. Essa é uma situação hipotética, mas é importante para vermos como é a capacidade de concentração de medalhas de cada país, que vamos ver no eslaide seguinte.

Aí vemos como se distribuíram as medalhas por modalidade. Nos Estados Unidos, por exemplo, a modalidade que mais conquistou medalhas, o país que mais conquistou medalhas por modalidade nos jogos foi a natação americana. De 58



medalhas em disputa, conquistou 33 medalhas. É um número muito grande. Mais da metade das medalhas os Estados Unidos levaram na natação. O Japão, por exemplo, que está em quarto lugar ali, de 14 medalhas no judô, levou 12 medalhas. O ciclismo inglês também levou 11 medalhas, que é um número extremamente alto de medalhas. Eles concentram esses investimentos nessas modalidades.

E a posição do Brasil? A nossa característica de resultado, sempre um, dois, três, um, dois, três, e a nossa quantidade de medalhas dentro da nossa característica histórica, e aí apresentamos o judô com três, a canoagem com três e a ginástica com três.

Esse é um dado interessante para nós dentro da nossa avaliação interna. Como o País se posicionou na quantidade de modalidades de medalhistas. Nós tivemos 12 modalidades de medalhistas, que, para nós, é um grande avanço. Saímos de oito modalidades de medalhistas em Pequim para nove modalidades de medalhistas em Londres e saltamos para 12 modalidades de medalhistas nos jogos do Rio, que coloca o Brasil em um *ranking* virtual na sétima posição, empatado com a Holanda, que, para nós, é extremamente importante esse dado de avaliação, porque vai balizar estratégias, era uma das nossas metas dentro dos jogos e baliza as nossas estratégias futuras.

(Não identificado) - *(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)*

O SR. JORGE BICHARA - Não, a quantidade de modalidades em que você conquistou medalha foram 12.

Aí um pouquinho da nossa história também. Nós temos características de investimentos em esportes coletivos, talvez herança do futebol. Historicamente, desde os primeiros jogos, a modalidade que mais conquistou medalhas nos esportes coletivos para o Brasil foi o voleibol, na décima primeira posição, com dez medalhas ao longo da história. Isso só o voleibol de quadra. Depois foi o futebol, em vigésimo terceiro, e o basquete também, na sua história, conquistou cinco medalhas para o Brasil.

(Não identificado) - *(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)* E agora você falou em 12.



O SR. JORGE BICHARA - Não, 17 a 22 medalhas. Ele se encaixa naquele patamar, naquele grupo, e 12 é a quantidade de modalidades em que ele conquistou medalha.

(Não identificado) - Entendi.

O SR. JORGE BICHARA - Aí foi só um *ranking* virtual que trouxemos do esporte coletivo somente para caracterizar a nossa vocação para o esporte coletivo. Se fizéssemos um *ranking* virtual da nossa participação nos coletivos dando uma pontuação de oito pontos para o primeiro lugar e de um ponto para o oitavo, o Brasil sempre se colocaria nessa condição de um dos principais países do mundo nos esportes coletivos.

O que isso traz de informação relevante para nós? Simplesmente, que essa é uma característica do nosso País. O esporte coletivo é um esporte de investimento alto: é muita gente para se preparar, sendo preparada e só dá uma medalha. Porém, gostar de acompanhar esporte coletivo é uma característica da nossa população. Nós do Comitê entendemos que esse investimento é válido porque é anseio da população ter esse nível de investimento.

Nesse quadro, demonstramos a quantidade de países medalhistas dentro de cada modalidade. No atletismo, 42 países conquistaram medalha, em Pequim; 41, países diferentes, em Londres; 43, nas Olimpíadas do Rio de 2016.

O que trazemos de informação comparando esse quadro e o segundo que vem na página seguinte? Vamos de encontro à mensagem que se passa, às vezes, de que há uma maior distribuição de medalhas dentro dos jogos. Existem, sim, países diferentes conquistando medalhas, mas a distribuição de medalhas se equilibra. O que acontece agora é uma concentração de investimentos onde o país tem capacidade de se desenvolver. Os países estão focando onde eles podem conquistar resultados. Assim, eles têm obtido melhores posições.

Nesse quadro, quando comparamos quem evoluiu, quem não evoluiu, quem se manteve dentro do mesmo patamar, dentro das modalidades, em relação à quantidade de países medalhistas, ele se equilibra. No final, não há uma supremacia dessa evolução ou involução. Ela se equilibra. Significa que existe uma especificação, um foco nas modalidades onde os países têm mais resultados.



Entramos agora numa análise de *performance* do Brasil. Esses foram os números do Brasil: 465 atletas foram convocados, considerando que o Brasil tinha vaga assegurada por ser o país sede; 19 medalhas; 12 modalidades olímpicas conquistando medalhas; 77 vezes o Brasil entrou numa fase de disputa de medalha. Isso é o nosso recorde. Nunca chegamos a um número tão grande de fase de disputa de medalha. Significa, por exemplo, que chegamos a uma final de arremesso de peso onde havia 12 atletas. É uma fase de disputa de medalha.

Vinte modalidades tiveram resultados entre os oito primeiros. Quatorze confederações brasileiras alcançaram essa fase de disputa de medalha, e a nossa colocação final foi 12º lugar na classificação por países pelo total de medalhas e 13º pelo total de ouros.

Nesse quadro, começo a analisar alguns resultados que são um pouco preocupante para nós. A natação brasileira, que é uma modalidade tradicional, não conquistou resultados, não conquistou medalhas dentro dos jogos. Percebemos que a média de idade dos nossos finalistas aumentou ao longo dos quatro últimos jogos. Isso é um fator preocupante para nós. As estratégias para revertermos essa situação num futuro próximo já foram motivo de discussão com a Confederação Brasileira.

Mais informações a respeito dessa análise de *performance*: a ginástica artística, uma modalidade que foi foco de investimento da Confederação Brasileira de Ginástica e do Comitê Olímpico Brasileiro saltou de três finais, em Londres, para onze, no Rio de Janeiro, conquistando o seu recorde de medalhas. A Canoagem e a maratona aquática são modalidades novas a se tornarem medalhistas olímpicas na história brasileira. Consideramos o atletismo, o tae-kwon-do e o tiro modalidades recuperadas no sentido de conquistarem medalhas e terem atletas com perfil para chegar aos jogos de Tóquio, principalmente na questão de idade, porém o atletismo ainda é uma modalidade que nos preocupante devido à quantidade de medalhas em disputa e à quantidade de medalhas que o Brasil ainda tem potencial para conquistar.

Na última linha, um pouco da nossa história, considerando as 10 últimas edições dos Jogos Olímpicos. A vela é uma modalidade do Brasil que esteve presente 9 vezes no quadro de medalhas; o voleibol, 8 vezes; o judô, 9 também; o



atletismo, 8; o futebol, 7; a natação, mesmo não conquistando medalhas nesses jogos, também esteve presente no quadro de medalhas nas últimas 7 edições de 10, e o voleibol de praia é o nosso melhor percentual, vamos dizer assim. Ele esteve presente 6 vezes no quadro, só que o vôlei de praia entrou somente 6 jogos atrás. Então, ele tem um aproveitamento de 100%.

Mais informações. Dentro do ciclo, nós tivemos 18 atletas ou equipes que conquistaram medalhas em campeonatos mundiais, porém esses resultados não se transferiram para os Jogos Olímpicos. Isso não acontece só com o Brasil. Em vários países, essa situação também acontece. Nós temos uma avaliação interna que precisamos chegar a ter quase a certeza, vamos dizer assim, de conquista de quatro medalhas para conquistar uma, assim é a competição esportiva, que se faz dessa maneira.

No boxe, 19 atletas ou equipes se posicionaram entre o quarto e o quinto lugar dentro dos jogos. São posições extremamente honrosas e que levaram o Brasil a uma posição de destaque no cenário dessa modalidade. Tivemos conquistas muito significativas, não desmerecendo as outras, mas essas que estão marcadas aí trouxeram um simbolismo muito grande para a história olímpica do Brasil e, certamente, algumas derrotas que tivemos também serão motivos de aprendizado para o futuro.

Analisando um pouquinho em relação ao futuro, temos essas modalidades listadas no primeiro grupo: atletismo, canoagem, ginástica, vela, judô, maratona aquática, *tae-kwon-do*, vôlei de praia, tiro esportivo e voleibol com potencial de conquistas para os jogos de 2020. Atletismo, boxe, natação, tênis, handebol, basquete, pentatlo e futebol são modalidades que nos apresentam preocupação. Esse será um foco de atenção especial por parte do comitê. Levantamento de peso, canoagem *slalom*, tiro com arco, lutas, tênis de mesa, caratê, surfe, *skate*, ginástica artística feminina são modalidades que apresentam, neste momento, um grande potencial de desenvolvimento para os jogos de Tóquio.

Esse foi um projeto que nós desenvolvemos já em Londres. Nós levamos 16 jovens atletas para os jogos de Londres somente para eles participarem de um projeto chamado Vivência Olímpica. Eles tiveram a experiência de participar dos jogos visitando instalações, assistindo competições. Foram atletas selecionados em



2011, que compareceram aos jogos de 2012, e trouxemos essas informações para apresentar aos senhores de uma maneira positiva, porque, desses 16 atletas, oito chegaram aos jogos do Rio, 50%, que é um percentual alto. Desses oito atletas, seis trouxeram seis medalhas.

Então, para nós, o Vivência Olímpica foi um projeto de bastante sucesso por permitir esse tipo de experiência para esses atletas, e isso foi repetido nos jogos do Rio. Trouxemos 20 atletas jovens para os jogos do Rio para também terem esse processo de experiência do ambiente olímpico, da competição olímpica, preparando-os já para os jogos de 2020.

Avaliação final. Nós aumentamos o número de medalhas, tivemos mais que o dobro da nossa história de medalhas de ouro numa competição olímpica. O nosso maior número tinha sido com três medalhas de ouro, nós completamos sete. Nós alcançamos um número recorde de finais — nunca tínhamos alcançado tantas finais de competição — e aumentamos o número de modalidades de medalhistas.

Aí está a evolução em relação ao aumento de conquistas de medalhas de ouro e também, como eu citei anteriormente, a evolução do Brasil em relação à quantidade de modalidades que conquistaram medalhas dentro dos jogos. Esse quadro demonstra a situação dos medalhistas brasileiros nas equipes individuais e duplas.

Essa foi uma avaliação interna em relação à nossa apresentação, que entendemos que foi um legado da participação esportiva. Eu acho que todo o Brasil se orgulhou da participação do atleta brasileiro nas competições.

Ao longo desses últimos 9 anos a qualificação de profissionais que atuam no mercado esportivo foi uma marca presente. Nas reuniões que tivemos com os veículos de comunicação e imprensa foi percebido esse aumento de interesse na visibilidade de esportes pouco conhecidos, o que possibilitou investimentos também em novos centros de treinamento no País, não somente voltados para o alto rendimento, mas principalmente voltados para processos de formação e identificação de novos valores.

Houve também o surgimento de novos ídolos, e um dos nossos pilares de investimentos sempre foi a valorização dos treinadores. Isso ocorreu também nos jogos do Rio e dentro da nossa avaliação.



Nós gostamos sempre de fazer uma avaliação não isolada. Nós sempre vinculamos essa avaliação ao futuro, já trazendo, então, os conceitos que vão balizar o planejamento para os jogos de Tóquio. Os nossos objetivos são a manutenção dessa quantidade de modalidades de medalhistas, sim, e a busca por novas oportunidades. Lembro que para os jogos de Tóquio aumentam as quantidades de modalidades dentro dos jogos. Seis novos esportes fazem parte do programa olímpico, e o Brasil tem uma história de bons resultados nessas modalidades, principalmente no surf e no skate.

Como os jogos são no continente asiático, nós temos uma preocupação com a questão da aclimatação aos jogos. Eu particularmente visitei a estrutura do Japão, no Rio de Janeiro, para entender quais foram as estratégias que eles adotaram para os jogos do Rio. O principal foco deles foi a questão da alimentação. Então eles montaram um restaurante bem grande no Rio de Janeiro, próximo à vila olímpica, para onde os atletas se deslocavam a cada dois dias, pelo menos, para fazer suas refeições e levar a refeição para a vila, porque a alimentação é um fator de grande impacto na *performance* do atleta japonês.

Nós estamos trabalhando nesse momento também com esse foco em Tóquio. Já fizemos três visitas de inspeção a Tóquio, desde 2014 e 2015 — o Agberto acabou de voltar de mais uma —, onde estamos buscando essas bases. Não somos os primeiros a fazer essa visita. Estamos em um grupo de vários países que já foram lá e já buscaram as suas melhores opções. Então a questão de adaptação ao fuso horário e à alimentação vão ser fatos de muita atenção em nosso planejamento.

A nossa intenção é fazer investimentos em provas ou modalidades que apresentem planejamentos consistentes, com metas reais de conquista. Nós temos uma atenção especial — e já tínhamos essa visão dentro dos jogos do Rio — na *performance* feminina. A nossa intenção, cada vez maior, é buscar esse tipo de investimento nas mulheres. Ali estão as maiores lacunas de possibilidade de ganhos técnicos e as maiores possibilidade de evolução das *performances*.

Um dos nossos pilares sempre foram os treinadores, e isso não vai ser diferente, sejam eles brasileiros, sejam eles estrangeiros. Nossas *performances* se caracterizam por termos treinadores fortes por trás desses atletas ou equipes. Acreditamos firmemente nisso, que continua sendo o nosso foco de investimento.



Entendemos que a única chance de ter sucesso é ter um controle muito grande sobre o processo de preparação. Isso não garante medalha, mas garante termos a certeza de que foi feito o máximo possível para chegarmos à condição de conquistá-la.

Também temos, desde os jogos de Londres, uma preocupação muito grande com a questão de prevenção e recuperação de lesão de atletas. Nós temos poucos atletas no alto rendimento, que cada vez são submetidos a cargas de trabalho muito altas, o que caracteriza o esporte de alto rendimento. Então, não podemos perder atletas para lesões. As lesões fazem parte da vida desse atleta; porém, a prevenção de lesão é um foco de atenção especial de todos do COB, das confederações e dos clubes, principalmente.

Eu tive uma reunião com os clubes, na semana retrasada, onde buscamos desenvolver ações com os clubes exatamente no sentido de termos atletas melhores preparados para esse treinamento, porque não dá para perder atletas por lesões bobas, que, às vezes, acontecem onde isso poderia ter sido evitado.

Só para vocês terem uma noção do grau de complexidade dessa preparação, já tivemos, após os Jogos Olímpicos, 14 atletas que passaram por processos cirúrgicos. Em algumas modalidades, isso é normal. Toda a equipe, praticamente, da ginástica artística masculina e feminina passou por processos cirúrgicos depois dos jogos. Há a necessidade de limparmos esse atleta, para que ele volte novo para o próximo ciclo. Isso é natural, faz parte do atleta de alto rendimento.

Por fim, eu trouxe um videozinho, em que falamos um pouquinho dessa participação popular.

(Exibição de vídeo.)

O SR. JORGE BICHARA - Agradeço a atenção.

O nosso objeto é trazer essas informações que possibilitam uma melhor análise de todos.

Estamos à disposição para discutir o que for melhor para o desenvolvimento do esporte olímpico brasileiro.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Muito obrigado, Dr. Jorge Bichara, pela explanação do resumo dos dados do nosso resultado. Não sei se o



Agberto quer fazer algum comentário, apenas complementar tudo o que foi exposto. Fique à vontade.

O SR. AGBERTO CONCEIÇÃO GUIMARÃES - Obrigado.

Eu não tenho muito comentário, porque eu voltei ao COB depois de nove anos ausente. Eu estava cuidando do outro lado dos Jogos, que era a organização dos Jogos, como diretor-executivo dos Jogos Rio 2016. Assumi a Diretoria-Executiva de Esportes do COB faz mais ou menos 2 meses. Todo o trabalho que vocês viram foi feito por uma equipe liderada pelo Marcos Vinícius, e o Jorge Bichara era parte dessa equipe.

Obviamente, a gente quer continuar, como ele falou, investindo na qualidade do trabalho que permita que nossos atletas e nossas equipes tenham uma melhor *performance* em 2020, é essa a nossa maior preocupação, e é assim que a gente vai trabalhar. Então, a nossa concentração vai ser 100% no resultado técnico, incluindo o atleta, o treinador e a equipe que dá suporte a todos os nossos atletas. Então, esse é o foco do nosso trabalho até Tóquio 2020.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - O.k.

Muito obrigado.

Eu queria fazer algumas indagações, são mais curiosidades, e permitam, se houver algum equívoco nos pressupostos das perguntas. Por exemplo, nós estamos analisando aqui, à luz inclusive dessa experiência, a nossa ida à Austrália e à Nova Zelândia, que foi para tentar colher o que resultou do chamado legado da Olimpíada, já que no nosso entendimento já havia tempo suficiente para se ter uma noção mais definitiva do que efetivamente foi feito lá em Sidney. E nós ficamos muito bem impressionados com o grau de aproveitamento. Segundo alguns especialistas, que não é o nosso caso, mas assessores da área com quem nós conversamos, o nível de aproveitamento até maior do que Barcelona, que é tido como tendo um grau importante de aproveitamento do chamado legado da Olimpíada.

E viemos aqui para a nossa realidade, sem nenhuma ousadia de comparação, porque os pressupostos de sociedade deles são muito diferentes dos nossos. Eles têm uma população menor, um país mais organizado, um país que não tem pobreza, miséria, a renda per capita é diferente, o IDH é diferente, enfim, é outro padrão civilizatório. Mas, por exemplo, algumas coisas aqui: na Lei Piva, nós temos



um percentual de distribuição, por exemplo, dos recursos para as federações que correspondem a modalidades esportivas que é frontalmente distinta desse conceito de prioridades por conta da vocação, o termo talvez não seja esse, e desse *mix* de fatores que levam a você ter um naipe de modalidades que justifiquem, digamos assim, um *plus*, um gap de investimento diferenciado de outras.

Claro que cada país tem a sua realidade, pelo que eu entendi, pela formação étnica do povo, uma observação que o Agberto fez, pela tradição cultural da prática do esporte, enfim, pelas condições objetivas de isso render resultados. Salvo engano, há uma distorção nessa distribuição dos recursos visível, flagrante. Eu não sei como é que vocês pensam. Nós aqui estamos pensando em fazer inclusive uma alteração legislativa nesse sentido, e claro que nós não vamos fazer à revelia dos senhores. Queremos conversar, para ver como é que isso pode melhorar.

Da mesma forma, um percentual de recursos distorcidos para a atividade meio, para a atividade burocrática, e não para atividade fim. Essa é outra distorção, e depois nós podemos discutir qual é o grau de correção. Essa é uma pergunta, uma curiosidade.

Segundo, eu não sei se nessa avaliação de resultados... Claro, eu acho que o resultado foi positivo, numa avaliação pessoal e não técnica, por tudo o que as Olimpíadas produziram no País de autoestima, de valorização da prática do esporte, pelo que a novas gerações puderam se apropriar desse clima olímpico, etc. — isso tudo é positivo.

Mas o rendimento do Brasil foi aquém da expectativa, pelo menos a anunciada oficialmente. Nós estávamos prevendo ficar entre os dez países com melhor rendimento de medalhas e alcançar entre 27 a 30 medalhas, pelo menos é o que foi divulgado na imprensa pelos interlocutores oficiais. E nós ficamos um pouco abaixo dessa meta, desse objetivo. Eu pergunto se foi considerado nisso, ou se há alguma interferência, o fato de nós termos sediado, permitindo uma participação de número de atletas maior do que um outro país, o que vai acontecer no sentido inverso agora, na participação do Brasil em Tóquio. Eu imagino que os custos de deslocamento reprimam um pouco a participação de uma delegação mais numerosa, e, portanto, a possibilidade de ter uma *performance* um pouco melhor do



que a média do que em outros locais onde há a exigência de deslocamento, adaptação de clima, alimentação e tudo isso que foi relatado pelos senhores.

Terceiro ponto de provocação, eu estou aproveitando que não há outros Deputados, antes de eles chegarem: uma coisa que ficou flagrante nesses países que nós visitamos e outros pelo conhecimento que temos, a escola como base de tudo, como a porta de entrada para essa iniciação da prática, e, a partir daí, os diversos níveis na pirâmide, até chegar ao alto rendimento, que é a praia dos senhores aqui.

Mas eu diria o seguinte: não é uma luta meio inglória todo o esforço que os senhores fazem? E eu quero aqui de público parabenizar. Já o fiz antes das vossas presenças, para não acharem que eu estou jogando confete. Mas não é um esforço que não produz os resultados necessários quando um andar de baixo, e essa é uma opinião quase unânime da nossa Comissão, no nível da prática, da escola, está absolutamente sofrível para o que a gente poderia ter?

Nós temos hoje quase 50 milhões de jovens em idade de prática escolar, e o principal programa, eu diria quase o único, que precisa inclusive ser resgatado, porque ele já não tem previsão orçamentária, que é o Atleta na Escola, e nós temos 4 milhões. Quer dizer, 10% daquilo que é o nosso potencial de prática de jovens. Então, nós não estamos jogando fora uma janela de oportunidade para alimentar, digamos, esse crivo, essa produção que chegue até o alto rendimento?

E, por fim, há uma coisa da qual o Agberto é testemunha porque, além de sermos conterrâneos, o Agberto sempre foi orgulho do Pará. Ele sabe disso. E eu tive o prazer de conviver um pouco com ele. Eu fazia natação no mesmo espaço em que ele fazia atletismo, a Escola de Educação Física. Cansávamos de merendar um pastel com Coca-Cola na padaria da esquina em frente.

(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - É, quando tínhamos dinheiro. Quando tínhamos condição, era um pastel, meio pão com manteiga e uma Coca-Cola na padaria em frente à Escola de Educação Física, que nem existe mais.

Mesmo com todo o orgulho que o Agberto representa para o Brasil, pelo atleta que foi, pelo gerente que foi, pelo coordenador que foi, por tudo que foi, dedicado ao esporte, nós temos que reconhecer que ele foi uma exceção no Pará. Só chegou a



ser o Agberto Guimarães, nosso campeão, orgulho nacional, porque teve um anjo da guarda que o acolheu, que o adotou, seu técnico — mais que técnico, amigo, companheiro, parceiro, confidente, imagino. Era meu amigo também.

E a história brasileira está cheia de heróis dessa natureza. Têm um rasgo de oportunidade, que não é a regra. Ao contrário do que se vê em outros países, onde o nível de oportunidade é quase simétrico a todos, aqui é preciso um padrinho, um anjo da guarda, um programa, um bolsa não sei o que, para que se tenha uma pequena e quase única possibilidade de se ter um atleta.

Quantos Agbertos Guimarães estão espalhados no anonimato ou já se foram deste mundo para outro sem ter a oportunidade de frequentar uma quadra, uma piscina, uma arena, um ringue ou qualquer outro espaço ou altar da prática do esporte? Quantos? Há milhares de garotos no Brasil que nunca tiveram a oportunidade de praticar nenhum esporte.

E, além dessa falta de oportunidade geral, por ausência de uma política pública mais consistente, há as assimetrias regionais. E eu tenho batido muito nessa tecla. Quanto ao chamado legado das Olimpíadas, nós estamos vendo a piscina indo não sei para onde. Na reunião que tivemos aqui com o Ministério dos Esportes, nos primeiros 10 minutos de conversa, eu reagi, porque o parque de atletismo na Escola de Educação Física, que abriga — ou abrigava —, inclusive, o circuito brasileiro, está caindo aos pedaços, porque não há orçamento. O pessoal tem que fazer coleta para comprar cloro para o parque aquático, numa arena que já produziu campeões brasileiros de natação.

Não se vê a mesma atenção das autoridades para as regiões mais afastadas. A coisa fica quase toda concentrada no Sul e no Sudeste. Claro, a população é maior, a economia é mais dinâmica, os centros são mais equipados. Mas não está na hora de se colocar esse componente também nessas diversas derivadas de políticas públicas, no sentido de buscar uma simetria entre as diversas regiões do País, contemplando também Nordeste, Centro-Oeste, Norte, que, via de regra, ficam à margem dessa centralidade?

Peço que me desculpem por eu ter abusado do tempo, mas essas são coisas que temos discutido aqui, Eu queria ouvir a opinião dos senhores sobre isso.



O SR. AGBERTO CONCEIÇÃO GUIMARÃES - Vou começar falando sobre a prática de esporte na escola.

Você frisou bem que os países mais desenvolvidos ou os que têm a melhor *performance* em campeonatos mundiais, Jogos Olímpicos ou jogos Pan-Americanos, no caso da nossa região, são os que mais investem base. Ou seja, a Educação Física na escola é mandatória e faz parte do currículo escolar. Os países prezam por uma Educação Física inclusiva, fazendo com que os alunos, os atletas, tenham a oportunidade de conhecer os esportes, de fazer uma prática esportiva saudável, porque os professores são bem qualificados. Isso faz com que a qualidade dos atletas que porventura saiam das escolas seja muito melhor.

Ele também mencionou outro fator importante nesse processo. Essas escolas são bem equipadas. Os alunos, que são os futuros atletas, começam a prática esportiva em equipamentos esportivos de alta qualidade. Não há uma diferença entre o que eles fazem ali e o alto rendimento. Também é natural que esses atletas, ao saírem da escola, do 2º grau, para irem para universidade, tenham uma base de treinamento muito melhor do que os nossos atletas aqui no Brasil.

Então, essa distância é muito considerável quando nós começamos a fazer a prática esportiva de alto rendimento. No alto rendimento, digamos assim, nós temos que fazer uma lição de casa reforçada. O aluno não foi bem na preparação para a universidade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Isso já devia ter sido feito.

O SR. AGBERTO CONCEIÇÃO GUIMARÃES - E ele está atrasado quando chega à universidade.

Então, você tem que contratar reforço escolar, dar aula extra, para ver se ele consegue chegar ao nível de competição com os seus adversários. Para nós, isso faz muita diferença.

Nós temos um sistema clubista no Brasil em que a prática esportiva formal é iniciada nos clubes. Isso também é diferente do que acontece nos outros países. Todos esses são fatores que contribuem, no nosso caso de forma negativa, para que tenhamos uma quantidade e uma qualidade de atletas melhores, a fim de que possam ser aproveitados para o alto rendimento.



Então, quando chegam às nossas mãos para fazermos um trabalho com alto rendimento, nós temos um trabalho muito maior. Temos que dedicar mais horas, nossos investimentos são muito maiores, e a possibilidade de erro e desperdício também é maior. Nós não temos peça de reposição. Esse é outro problema. As peças de reposições que temos são muito poucas.

Antes de entrarmos aqui, eu comentei com o Deputado que eu parei de competir em 1990. O Joaquim e o Zequinha, que eram os outros dois atletas que competiam na mesma modalidade que eu, pararam em 1996. De lá para cá, o Brasil não revelou mais nenhum corredor de meio-fundo que competisse no nível em que nós competíamos.

Não é possível que um país deste tamanho, com a quantidade de jovens que nós temos e com a quantidade de equipamentos esportivos que nós temos no País hoje, não produza mais atletas de qualidade como tínhamos no passado. Obviamente, como bem frisou o Deputado, éramos atletas fora da curva. Nós não fomos descobertos por uma metodologia científica para a prática de esporte. Fomos descobertos pelo acaso, por um treinador que, por acaso, estava no local da prática de educação física, no meu caso, eu fazia a educação física na Escola Técnica Federal do Pará, e o treinador que me descobriu era, casualmente, o Coordenador de Educação Física dessa escola.

Ele insistiu comigo que eu me juntasse à equipe de atletismo, ou seja, não é uma coisa natural. O Joaquim jogava basquete, o Zeca era lá do Mato Grosso e brincava de beisebol junto com os japoneses que estavam por lá, mas não houve uma metodologia de detecção de talentos que verificasse quem era muito bom, por acaso, nós demos certo, mas a perda é muito grande.

Então, esse é o primeiro ponto que faz com que não cheguemos a ser tudo o que poderíamos ser. O trabalho que o Comitê Olímpico do Brasil vem desenvolvendo nesses últimos anos, mesmo quando eu estava no COB, é de buscar fornecer aos nossos atletas e treinadores as melhores condições possíveis para que eles possam realizar o seu trabalho. Isso tem sido feito de uma forma muito bem feita, tanto é que os resultados melhoraram.

Se não conseguimos ainda chegar à meta que estabelecemos, há outros fatores que precisam ser olhados, vamos ver isso para o próximo ciclo. Aí eu entro



na questão do resultado e digo o seguinte: qualquer pessoa que queira ter resultado na sua vida não pode se esconder de estabelecer uma meta para si própria. Pego o meu exemplo como atleta, todo início de temporada eu escrevia à mão o resultado que eu pretendia conseguir durante aquela temporada. Eu precisava treinar todos os dias pensando naquele resultado.

Então, é natural que o COB, para os jogos Rio 2016, estabelecesse uma meta, é saudável. Alguém se desafiar a alcançar uma meta é muito bom, mesmo sabendo que essa meta é uma meta difícil de ser alcançada; mesmo entendendo que, se essa meta não for alcançada, críticas surgirão; mas é importante ter meta. Uma pessoa sem meta na vida não vai chegar a lugar nenhum. Uma equipe que trabalha sem objetivos também não vai ser absolutamente nada.

Então, eu sou favorável ao estabelecimento de metas, sejam essas metas numéricas, sejam essas metas de qualidade. O que precisamos observar é que o trabalho que o Comitê Olímpico do Brasil fez, principalmente, nos últimos 4 anos, nos levou para o caminho que precisamos ir, ou seja, selecionar melhor os nossos atletas, aplicar melhor os nossos recursos nesses atletas, investir mais na preparação e na qualificação dos treinadores que trabalham com esses atletas, porque eu não conheço nenhum profissional que se formou sem ter um bom professor. O professor é fundamental nessa caminhada.

O treinador na vida do atleta é praticamente tudo, porque o treinador, além de ser o mentor técnico-esportivo, é o conselheiro, é o amigo, é o confidente, é absolutamente tudo, quer dizer, o atleta passa a confiar 100% nesse profissional.

Então, o trabalho que o Comitê Olímpico do Brasil desenvolveu nos últimos anos é muito importante para dizer o seguinte: nós estamos no caminho certo, nós precisamos continuar trabalhando dessa forma, escolhendo melhor os nossos esportes, os esportes em que mais temos condições de competir com os outros países, aplicando melhor os nossos recursos na preparação desses atletas, fornecendo as melhores ou as condições ideais para que eles tenham uma única preocupação, treinar para competir bem. A obrigação e a responsabilidade de prover esses serviços é toda da nossa equipe. E isso nós temos feito.

Também temos que ter consciência de que, por maior que sejamos como País e por mais diversos que sejamos como raça, nós não temos condições de



competir em tudo igualmente. Então, é melhor que façamos bem as nossas escolhas. Uma empresa precisa escolher quais produtos pode produzir bem, para colocá-lo no mercado e, assim, alcançar um bom valor de venda, de forma que o produto seja valorizado. É a mesma coisa que fazemos aqui.

Outra coisa que precisamos entender é que trabalhamos com gente, com ser humano. Por mais que se cuide bem dos atletas e que se forneça a eles todas as condições necessárias para que se preparem de forma adequada, há o fator psicológico, que é praticamente 100% determinante em tudo que se faz como atleta.

Todos esses elementos são importantes. Nós os levamos em consideração ao escolher investir para o alto rendimento.

Jorge.

O SR. JORGE BICHARA - Só complementando um pouco a fala...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Antes de o Jorge falar, aproveito para avisar que chegaram duas perguntas de internautas, inclusive muito qualificados.

O Prof. Dr. Leonardo Mataruna, da Universidade da Inglaterra, pergunta o seguinte: *“O trabalho realizado pelo time Brasil nos jogos Rio-2016 foi repleto de êxitos e pontos a serem corrigidos para o próximo ciclo. O esporte escolar tem aumentado de acordo com os trabalhos do Comitê Olímpico do Brasil. Quais são os desafios de massificação do esporte na escola e quais são as projeções de utilização do legado olímpico para o aumento da esportivização no Brasil, e não apenas no Rio de Janeiro? Obrigado pela apresentação e parabéns aos senhores”*.

Estou lendo, porque tem a ver com o que eu comentava.

A outra pergunta, do Prof. João Cândido Felisberto, da Universidade Federal da Bahia, ao Bichara: *“A política de Estado implementada nos últimos anos se mostrou vitoriosa. A Copa do Mundo foi um sucesso, e as Olimpíadas, também. Quais são as perspectivas para o futuro, tendo em vista as novas diretrizes econômicas?”*

O SR. JORGE BICHARA - Voltando um pouquinho, eu concordo com muitas das colocações do Deputado Arnaldo Jordy, principalmente em relação à questão da prática esportiva na escola. Eu sou professor de Educação Física. Essa é minha origem.



Entendo que é uma tarefa difícil trabalhar no alto rendimento, porque temos uma quantidade pequena de atletas para tentar levar à condição de competição internacional. Tenho sempre como um mantra na minha cabeça que vamos melhorar a partir do momento em que tivermos mais praticante de atividade física, o que vai nos proporcionar mais praticantes de qualquer tipo de esporte, o que vai nos levar a ter mais atletas praticantes de esportes olímpicos. Aí, sim, vamos ter um universo maior de recrutamento dos melhores valores para disputar em nível internacional compatível ao dos jogos olímpicos.

É uma competição mais dura. Ali, se ganha e se perde nos detalhes, nos centésimos, nos centímetros, em um golpe, em uma estratégia de luta mal aplicada, em uma bola duvidosa. A nossa função é tentar levá-los a essa melhor condição de *performance* dentro dos jogos.

Em relação às metas estabelecidas, buscamos metas arrojadas, sim. Concordo inteiramente com o Sr. Agberto. Não havia como, diante de realizarmos os jogos em casa e do nível de investimento que havia sido feito, não se buscar uma meta que provocasse a todos que se esforçassem um pouco mais. Alcançamos vários desses resultados: maior quantidade de medalhas no total, maior quantidade de medalhas de ouro e maior quantidade de finais disputadas. A questão levantada aqui de 27 e 30 medalhas é uma situação pontual. Quando nos foi perguntado, foi questionado qual era a meta do Brasil, foi estabelecida a meta do *top 10*. Historicamente, a meta do *top 10* no quadro, nas últimas três edições de jogos, indicava 27, 28 medalhas. Aí a imprensa baseou-se muito nesta questão das 27, 28 medalhas. Porém, se formos olhar o resultado dos Jogos Olímpicos, o décimo país foi o Canadá, com 22 medalhas, um país com quem disputamos em nível continental historicamente. Aí vai muito da competição em si. Conquistamos mais medalhas de ouro do que eles. Eles conquistaram mais medalhas no total do que nós. Conquistamos em mais modalidades, eles, em menos. Eles tiveram resultados muito bons na natação e no atletismo. É da participação esportiva. A meta tem que ser colocada em um nível mais alto, sim. A forma de tentarmos buscar alcançar a nossa excelência de *performance* é como se caracterizam os jogos.

Respondendo a questão da política de Estado em relação às perspectivas de futuro, as diretrizes econômicas indicam dificuldades no cenário de todo o País, não



só no esporte, mas em todos os segmentos. Nós vamos buscar ser criativos, ser meticulosos nesse nível de investimento e entender que entramos em um primeiro ano de ciclo, e isso vai necessitar avaliações do nível de investimento possível. Começamos a sentar com as confederações nesse processo de avaliação, e essa avaliação deve ir até o final de março, em relação às perspectivas futuras que temos para este ciclo. Desenvolvemos dentro do COB um departamento relacionado aos Jogos de 2024, para termos uma observação dos atletas com potencial de disputa dessa competição. Vamos buscar, através dessa política a ser implantada a partir desse próximo ciclo, estar muito próximos das confederações no sentido de que elas tenham práticas de gestão que possibilitem conseguirmos otimizar recursos e buscar o melhor da *performance* esportiva nas competições em que o COB representa o País internacionalmente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Obrigado, Dr. Jorge.

Eu passo a palavra ao Sr. Agberto para responder duas perguntas. Chegou mais uma que ele mesmo vai ler que é dos nossos internautas.

O SR. AGBERTO CONCEIÇÃO GUIMARÃES - A primeira é...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Sr. Agberto, permita-me?

Aconteceu um acidente de percurso. Eu vou precisar que o nosso Secretário-Executivo me substitua aqui, quebrando um pouco o protocolo, porque há votação nominal. Eu vou lá a um pulo e volto, porque senão eu pego falta e fica mal. Nesses tempos não podemos...

O SR. AGBERTO CONCEIÇÃO GUIMARÃES - Faltar.

A primeira é relacionada à questão da massificação. Então, o Comitê Olímpico do Brasil organiza, todos os anos, os Jogos Escolares da Juventude. Este é o maior evento esportivo escolar do Brasil e acho que é o maior e mais bem organizado evento deste tipo do mundo. O que podemos fazer para aproveitar os talentos que surgem neste evento? Temos um projeto na área escolar e de juventude que é tocado pelo Sebastian Pereira, que é um trabalho de detecção e desenvolvimento de talentos, em que aplicamos um trabalho metodológico para identificar os atletas que realmente têm condições para seguir para o esporte de alto rendimento.



Além disso, aproveitamos esses atletas, fazendo um bom uso das instalações esportivas que ficaram no Rio de Janeiro como legado dos jogos. Então, temos que fazer bom uso disso da seguinte forma: os atletas que forem identificados em outras regiões do País podem vir ao Rio de Janeiro. Nós vamos propor e organizar treinamentos específicos, para que eles venham fazer um aprimoramento nos centros do Rio de Janeiro.

Na minha época, isso era feito com o atletismo, quando íamos para a Alemanha, uma vez por ano, junto com nossos treinadores, fazer um período de treinamento e de aprendizado, por 45 dias. Naquela época, havia um convênio entre o SEDMEC — Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo — e o Governo alemão que permitia que os treinadores e seus atletas, os melhores atletas de atletismo do Brasil, fossem à Alemanha cumprir um estágio. Nesse estágio, nós treinávamos sob orientação dos nossos treinadores com a supervisão de um treinador alemão que ajudava o nosso treinador a fazer um trabalho de mais qualidade conosco.

Então, nós pretendemos fazer algo similar com os atletas que forem identificados nesses programas, levando-os para os centros de treinamento que vão ser utilizados no Rio de Janeiro, para que façam um período de estágio.

A segunda pergunta é do Sr. Alceu Salamanca, de São Paulo. Ele pergunta se na minha volta para o COB — Comitê Olímpico do Brasil, o Presidente Nuzman vai me dar carta branca para eu conduzir o planejamento do time do Brasil para o ciclo dos jogos de Tóquio 2020.

Eu trabalho com o Presidente Carlos Arthur Nuzman desde 1994, quando começamos a trabalhar juntos. É natural que ele tenha uma confiança muito grande em mim. Eu não voltaria para o COB, para fazer um trabalho, se eu não tivesse, primeiramente, a confiança dele e também se eu não tivesse, digamos, a carta branca para implementar os níveis de serviço que precisamos para levar o Comitê Olímpico do Brasil e o esporte olímpico do Brasil para um patamar diferente. A minha grande motivação para voltar para o COB é justamente esta: fazer um trabalho técnico mais qualificado, mais voltado para a alta *performance*, mais voltado para a seleção dos melhores atletas, dos melhores treinadores e das melhores equipes, para que possamos de fato dar um salto de qualidade. Este é o desafio que



eu tenho e esta é a proposta que fiz à minha equipe desde que eu cheguei ao Comitê Olímpico do Brasil.

Então, Alceu, fique tranquilo, pois temos a autorização do Presidente Nuzman para fazer o que tem que ser feito para melhorar o rendimento da nossa equipe em Tóquio 2020.

O SR. JORGE BICHARA - Gostaria de pedir a palavra por mais alguns instantes. Eu penso que qualquer política que esteja relacionada ao aprimoramento do esporte, ao desenvolvimento do esporte pode parecer um pouco redundante, mas ela que passar pela valorização, em especial do professor de educação física, sem ele nossa chance de ter sucesso nesse processo de massificação é praticamente nula. Nós vamos continuar vivendo de situações pontuais.

Entendo um direcionamento de atenção nesse segmento. Espero que isso seja consolidado, que isso realmente aconteça. O esporte olímpico brasileiro precisa de um professor na escola. É a nossa chance de aumentar essa quantidade de atletas em observação. Peço atenção na construção de novos centros desportivos ou na reforma de centros antigos, e que seja observado o custo de manutenção.

Não adiantam construções, não adiantam instalações preparadas se não tiver uma atenção para a sua atividade de dia a dia. Não adianta construir se não tiver quem tome conta, quem limpe, quem organize, que dê aula, quem dê treino. Sei que isso pode parecer utópico neste momento do nosso País. Mas se vai existir uma política pública que vai ser desenvolvida com esse fim, ela tem de dar atenção a isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Obrigado Bichara, Agberto, há mais uma pergunta aqui, devido à permissão do Arnaldo Jordy. Eu vou formular aqui para vocês. A pergunta novamente do Professor Leonardo Maturana, Covert University, da Inglaterra. O Programa olímpico das Forças Armadas foi um grande aliado durante o último ciclo parte no Brasil. No entanto, o PROFESP, PROGRAMA DAS FORÇAS ARMADAS NO ESPORTE também revelou talentos, apesar de seu propósito muito mais social do que a detecção ou promoção de talentos.

Como hoje o COBIT no pensa para o próximo ciclo uma apresentação junto ao PROFESP. Por que também se aproximar das atividades brasileiras, para a detecção e formação de talentos?



Bechara, por favor.

O SR. JORGE BICHARA - Nós temos conhecimento desse programa do Governo Federal, das Forças Armadas. Existe uma apreciação do COB neste momento, das Forças Armadas, principalmente no atletismo, no judô, é onde nós vamos buscar aproximar essas modalidades das Confederações no sentido que esses atletas identificados possam ter um caminho de desenvolvimento dentro do esporte olímpico.

É um programa bastante importante, que usa as instalações militares e servidores na orientação desses novos praticantes de esporte. É, sim, um polo importante para o surgimento de novos atletas.

Com relação às universidades, o COB, especificamente, teve uma parceria com o Ministério da Ciência e Tecnologia, através do FINEP, em que foram investidos recursos na construção e na montagem de um laboratório, no Rio de Janeiro, dentro do Parque Aquático Maria Lenk, esse laboratório ficou agora no final do ano. Existem parcerias com 6 universidades brasileiras em que a ciência e o esporte, que é um dos pilares do desenvolvimento do esporte olímpico também está sendo colocado com atenção e numa condição essencial no desenvolvimento esportivo do País.

Gostamos de buscar, pretendemos e estamos buscando essa aproximação com as universidades em diversos segmentos. Há duas semanas, uma das psicólogas que trabalha na nossa equipe participou de uma grande conferência em Curitiba, em que foram discutidos projetos de aproximação de profissionais da área de psicologia do esporte de alto rendimento. O importante para nós é que essa aproximação com a universidade gere conhecimento, mas gere principalmente ações práticas no campo do esporte, que possamos usar esses ensinamentos no dia a dia, e que ocorra uma via de duas mãos, que se permita que esses ensinamentos sejam aplicados num treinamento esportivo e não sirvam somente para teses e publicações, essa é a nossa intenção. E temos tido receptividade das universidades na nossa intenção, no nosso objetivo dessa aproximação prática com as universidades.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - O.k. Eu não sei se ficou alguma pergunta... Eu fiz uma pergunta e não sei se, na minha brevíssima ausência,



ela foi respondida. Trata-se da questão da distribuição dos recursos previstos na Lei Agnelo/Piva em relação a esses conceitos, que foram aqui muito coerentemente estabelecidos, frutos das experiências de outros países. Como é que esses recursos estão sendo distribuídos aqui? Há uma simetria? É justo fazer isso? No nosso entendimento, sim, mas eu queria ouvir a opinião dos senhores, se for possível, sobre esse aspecto.

O SR. AGBERTO CONCEIÇÃO GUIMARÃES - Vou fazer um aparte sobre isso, Sr. Jorge Bichara, e você faz sobre o outro assunto.

Acho o seguinte: o que temos? Todos os anos fazemos uma avaliação. Primeiro: só podemos distribuir o que se arrecada. Então, se há uma variação para cima ou para baixo com relação à arrecadação dos recursos, fazemos uma avaliação interna e vamos para cima ou para baixo também, com relação à distribuição desses recursos. Isso é o que estamos fazendo, quer dizer, é o que sempre foi feito e é o que será feito para frente também.

Uma outra coisa que fizemos neste último quadriênio foi criar uma linha de investimento do COB, que aumenta a possibilidade de sucesso do trabalho das confederações, criando aqui uma força-tarefa que trabalha especificamente em projetos especiais, como o Sr. Jorge mencionou durante a apresentação dele. Nós tivemos vários atletas de vários esportes nos quais o COB pegou uma fatia dos seus próprios recursos e aplicou como extra na preparação dessas equipes de atletas. Isso foi uma verba complementar de recursos próprios do próprio Comitê Olímpico do Brasil, para aumentar as chances de medalhas que tivemos nos Jogos Olímpicos Rio 2016 e que pretendemos continuar fazendo para o ciclo de 2020. As confederações recebem a sua fatia de recursos: uma parte desses recursos elas aplicam na gestão das suas confederações e outra parte, no desenvolvimento das suas próprias modalidades sejam elas de treinamento, contratação de treinadores ou participação em competições nacionais e internacionais.

Sr. Jorge, você quer complementar?

O SR. JORGE BICHARA - Acho essa discussão sobre distribuição dos recursos sempre muito interessante e necessária, é um processo de avaliação, acho que todos esses segmentos têm que fazer isso. O COB recebe esses recursos públicos para aplicar no esporte, e uma das maneiras de aplicar esses recursos é



através dos repasses para as confederações, a partir do momento em que elas apresentam seus planos de trabalho para o COB.

Gostaria de entender um pouco mais os questionamentos que existem sobre isso, até para podermos dar respostas efetivas sobre essas questões.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Por exemplo, vou tentar exemplificar: o atletismo, que representa um total de 47 medalhas, tem um percentual de participação nesses recursos de 6,4%. O handebol, que tem a participação de duas medalhas, recebe 5,5%. Eu não acho que tenha que haver uma proporcionalidade exata, mas precisamos ter uma regra de proporcionalidade equivalente ao peso. Claro que isso pode ter uma variável, mas essa variável não pode agredir o conceito principal. Com certeza, existem outros fatores não visíveis que estão aqui prevalecendo: ou é o tráfico de influência, ou é a política de compadrio, alguma coisa, eu não sei! Mas aqui há uma distorção qualquer.

Nós precisamos nos apropriar disso para podermos encontrar os ajustes necessários a fim de aumentar os nossos recursos, que já são poucos, para a relação custo-benefício ser um pouco mais otimizada.

Outro exemplo da mesma forma: as modalidades aquáticas...

O SR. JORGE BICHARA - Eu quero te agradecer aqui porque eu não estou defendendo o atletismo, quem está defendendo é ele... *(Risos.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Sou eu! Não, sou eu mesmo, porque eu acho que ele é um esporte de massas, inclusive é um esporte a que a população desprotegida, ou mais desprotegida, tem um acesso mais fácil do que tem à esgrima, por exemplo, que é um esporte que requer um conjunto de artefatos muito sofisticados para um cidadão. É como o futebol: você pega uma meia e enrola um papel numa meia, e a bola rola no meio do asfalto, está certo?

Mesma coisa ocorre em relação aos esportes aquáticos, que, no total — natação, saltos sincronizados e polo —, dão 46 medalhas e recebem 6,4% também, é a mesma coisa do atletismo. Em compensação, o tênis de mesa, com quatro medalhas, recebe quase 4%, 3,8%. Então há uma distorção visível, parece-me. Mas, enfim, só para entendermos.

O SR. JORGE BICHARA - Esse critério de distribuição de medalhas carrega vários fatores por trás dele. Identificamos, ao longo do tempo, 17 itens em que



propomos uma análise, basicamente, em relação à estrutura interna da confederação, à capacidade de gestão desses recursos e também aos seus resultados esportivos e ao potencial de resultados esportivos.

Existe também uma avaliação da capacidade de essa confederação estabelecer convênios com órgãos públicos, ou ter o apoio de estatais. Trata-se de uma equação um pouco mais complexa.

Entendo ser extremamente importante essa aproximação com a Comissão do Esporte no sentido de que sejam esclarecidas as dúvidas que existem, a fim de podermos apresentar, de uma maneira mais clara, as respostas necessárias a essas dúvidas que surgem em relação a esses pequenos percentuais diferentes dentro dos números apresentados.

Agora é fato que, às vezes, modalidades como o atletismo, em que há uma maior quantidade de medalhas — 47 provas, 141 medalhas em disputa —, uma possibilidade de alcançar essas medalhas, vamos dizer assim, com menos necessidade de equipamentos, tendo em vista a comparação feita com a esgrima. Há por trás dela uma dinâmica que levou a esse número, ao repasse que o COB faz a essa confederação. Os valores são distribuídos entre todas essas confederações. Outras confederações entrarão também a partir de agora, devido ao programa olímpico. O COB não fez ainda a apresentação dos valores previstos para o próximo ano, vai fazer ainda no final deste ano, e entendo que isso tem que ser esclarecido da melhor forma para a Comissão do Esporte.

O SR. AGBERTO CONCEIÇÃO GUIMARÃES - Peço a palavra para complementar, Deputado. Como estou assumindo o timão do navio agora ou do barquinho pop-pop da nossa região, se V.Exa. quiser, voltamos aqui numa próxima oportunidade com os critérios que estamos estabelecendo para o próximo ciclo. Trago junto comigo a Adriana Behar, que é a gestora dessa área, para que demos as devidas explicações de como é que foi feito o *rankeamento*, quais os critérios que usamos, e então podermos ouvir V.Exas. para melhorar sempre o nosso processo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Perfeito. Vejamos bem: nós já estamos aproveitando esse momento e há a insistência de o Sr. Agberto estar aqui porque quem começa inicia cheio de gás, geralmente. E V.Sa. foi atleta, herói brasileiro, orgulho do Brasil, o Brasil que deu certo. Então nós estamos aproveitando



este momento, não é, Deputado João Derly, e pegando essa carona para vermos como podemos corrigir isso porque, como é fruto de uma lei, nós vamos alterar a lei, isso eu já posso anunciar, é convencimento generalizado da nossa comissão. Nós vamos alterar a lei que trata da distribuição desses recursos, não é isso, Deputado João Derly?

E claro que nós queremos fazer isso com um diálogo profícuo com os órgãos que estão à frente do processo, para que não demos uma ratada, como se diz, que não demos um passo em falso que, às vezes, ocorre por desconhecimento, às vezes por alguma outra razão, como um debate em que não nos aproximamos. Então nós vamos ter tempo de corrigir.

Nós vamos também discutir a questão dos recursos para investimento no esporte escolar, nós vamos discutir. Já estivemos com o Ministério da Defesa, já estivemos com o Ministério do Esporte e vamos fazer um trabalho aqui. O Plano Nacional do Desporto está sendo concluído aqui na Casa e, amanhã, inclusive, vai haver uma apresentação aqui sobre o Plano Nacional do Desporto. A Sra. Adriana vai estar aqui amanhã, inclusive. Então nós vamos meter a mão nessa cumbuca! E queremos fazer isso da forma mais harmoniosa possível em função deste objetivo: aperfeiçoarmos o nosso sistema em que, no nosso entendimento, há muita distorção, há muita distorção.

O SR. AGBERTO CONCEIÇÃO GUIMARÃES - Deputado, V.Exa. me permite falar?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Pois não.

O SR. AGBERTO CONCEIÇÃO GUIMARÃES - Eu acho que é muito bem-vinda a participação de V.Exas. no sentido de entender, primeiramente. É ótimo que V.Exas., antes de tomarem qualquer iniciativa, entendam o que se passa por trás. Há o risco de às vezes opinar sobre coisas sem haver o conhecimento de causa. Mas, V.Exas. estão nos chamando para discutir conosco, para entender o que se passa lá dentro e isso é mais do que bem-vindo.

É importante também que V.Exas. saibam que, além de conversarem conosco, se quiserem, facilitaremos a V.Exas. a conversa com atletas, com treinadores, com outros gestores, porque é importante V.Exas. entenderem todo esse trabalho que é feito antes de nós chegarmos onde nós chegamos.



Normalmente, o que nós percebemos nessa caminhada — o João sabe bem disso como atleta — é o seguinte: as pessoas vão seguindo os teus passos e, num determinado momento, elas começam a opinar. “*João, por que você ganhou do cara e não deu um (ininteligível) no cara?. Só ganhou do cara?*”. Então, não entende exatamente o processo que ele fez para chegar onde chegou.

Portanto é muito saudável a participação dos senhores, essa discussão. Quanto mais os senhores conversarem conosco, quanto mais nós repassarmos e repartirmos com os senhores informações...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - O nosso índice é menor.

O SR. AGBERTO CONCEIÇÃO GUIMARÃES - É muito menor. E os senhores podem nos ajudar, de fato.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - É claro, é claro.

O SR. AGBERTO CONCEIÇÃO GUIMARÃES - Eu prefiro sempre errar com mais pessoas a errar sozinho. Então, ter pessoas para trabalhar conosco e nos ajudar a identificar os melhores caminhos é muito bom. Agora é bom também entender que não é preto no branco.

Lidar com atleta, com esporte, não é uma ciência exata. Tem muito do fator humano dentro de tudo isso e nós temos que entender também como isso pode ser feito de forma que nós não paremos o processo. Ao contrário, nós precisamos de mais pessoas empurrando esse carro para que ele cada vez tenha uma velocidade maior. Esse é o nosso objetivo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Com certeza. Muito obrigado.

Eu vou passar a palavra ao Deputado João Derly. Em seguida, nós vamos facultar a palavra a outros convidados nossos, assessores e colaboradores da Comissão, que já a solicitaram.

Com a palavra o Deputado João Derly.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Sr. Presidente Arnaldo Jordy é uma satisfação.

Peço desculpas a todos pelo atraso. Nós temos aqui, não somente dentro da Casa, mas fora da Casa, muitas ações...

(Não identificado.) - Fora isso (*intervenção fora do microfone. Inaudível.*)



O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Ah é. Hoje estão dominando. *(Riso.)*

Cumprimento os nossos dois convidados: o grande ídolo Agberto Guimarães e Jorge Bichara. É uma satisfação tê-los aqui conosco.

Como eu perdi um pouco da fala de cada um, até para poder não ser repetitivo, eu gostaria de pedir ao Deputado Arnaldo Jordy, se possível, passar... Eu sei que o Daniel está louco para fazer algumas perguntas, ele mandou uma mensagem no whatsapp...

(Não identificado.) - Tranquilo. Fique à vontade, Deputado.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Até para poder formular as minhas questões para eu entrar em outras áreas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Está facultada a palavra ao Sr. Daniel, por favor.

O SR. DANIEL - Boa tarde. Obrigado pela oportunidade, Deputado.

Bem-vindos a Brasília, Agberto e Bichara. Eu tenho um monte de perguntas, mas isso não é entrevista coletiva; é só uma audiência pública. Agradeço pela oportunidade de participar.

Eu queria comentar um pouco sobre os Jogos Olímpicos. Talvez seja mais um tema para o Jorge Bichara, a respeito do time Brasil e a convivência que se deu ali dentro da Vila Olímpica, de que forma o COB administrou aquela moçada toda, aquela juventude toda para que eles mantivessem, psicologicamente, preparados para disputar os jogos em casa. Como vocês administraram essa questão de celular e de redes sociais?

Outra questão é em relação àquele problema envolvendo três atletas. Um casal acabou tendo um romance e isso acabou gerando um atrito muito grande, foi motivo de bastante repercussão na imprensa e até dentro dos atletas. Como o COB trabalhou isso e como pretende trabalhar essa questão nos jogos, a partir do Rio 2016?

Farei outras perguntas depois dessas respostas.

O SR. JORGE BICHARA - Senão, não consigo lembrar-me de tudo, por mais que eu anote.

O SR. DANIEL - Exato.



O SR. JORGE BICHARA - Foi a maior delegação brasileira nos Jogos Olímpicos. São quase mil pessoas envolvidas no total, entre a quantidade de atletas, 465, treinadores, equipes técnicas, pessoas espalhadas nas bases.

Para se ter ideia, nós tínhamos uma base até em Natal, onde o garoto do salto com vara, o Thiago, ficou treinando antes de entrar nos jogos. Então, é uma alteração bem complexa, no sentido de administrar isso.

Existe um corpo profissional, dentro do COB, experiente nesse tipo de ação. Eu faço parte desse time. O que nós buscamos era o máximo de harmonia do dia a dia e estabelecer que conseguíssemos cumprir o plano que foi formatado lá atrás, de nós obtermos a melhor *performance* daquele atleta.

Alguns tinham necessidade de chegar antes e aproveitar as instalações dos jogos para fazer uma adaptação à instalação de competição. Outros, nós seguramos um pouco mais a sua chegada à Vila Olímpica.

A questão mental e psicológica, colocada pelo Agberto, é um fator que sempre vai interferir dentro dos Jogos Olímpicos, que se evidenciou um pouco mais em virtude das polêmicas que envolveram a participação do Brasil na Copa do Mundo de futebol.

Nós adotamos algumas estratégias para tentar descaracterizar o peso disso dentro da competição esportiva e tentar fazer com que o atleta, dentro do ambiente mais tenso, que são os jogos, encarasse isso como uma competição “normal” — entre aspas —, mas, ao longo do tempo, nós buscamos informação dentro das equipes técnicas das áreas de psicologia e *coaching* que atuavam junto a esses atletas.

Fizemos uma série de encontros com eles. No último ano foram cinco encontros que nós fizemos com esses psicólogos. Chegamos a envolver, no último encontro, 35 profissionais em que buscamos uma melhor padronização de trabalho desses profissionais dentro dos jogos.

Alguns não tinham experiência também nessa área. Os psicólogos não tinham experiência de trabalhar naquele nível de competição, o que é outro agravante também.

Transformamos a questão do trabalho de psicologia num trabalho de preparação mental. Foi essa denominação que nós demos a esse tipo de trabalho,



para equilibrar isso com a preparação tática, técnica, física, e colocar isso no mesmo patamar.

O atleta não conquista nada sozinho; é uma composição de preparações que o levam a uma possibilidade de excelência de *performance*. Esse é o nosso entendimento.

Dentro da realidade de cada esporte, do potencial de conquista daquele atleta ou daquela equipe foram traçadas estratégias e nós íamos seguindo aquele caminho, fazendo as correções, quando era necessário.

A questão que envolveu celular e redes sociais, também a debatemos bastante. Fizemos reuniões com treinadores e coordenadores ao longo do ciclo. Temos mais uma para fazer este ano, ainda, de avaliação, mas é uma questão que envolve o dia a dia de todos nós. Todos aqui estão hoje ligados diretamente aos seus celulares, às redes sociais e não cabia ao COB fazer nenhum tipo de proibição.

O que nós fizemos? Levamos a informação para esses atletas de que existiam momentos em que eles poderiam usar aquilo e outros que eles não deveriam usar, trouxemos exemplos e onde o uso errado desse tipo de tecnologia causou efeitos esportivos ruins.

Então, a nossa estratégia foi tentar identificar todos os riscos que existiam, fora a competição, que poderiam prejudicar a performance desse atleta e tentar criar estratégias para anular esses riscos. Algumas vezes você é bem-sucedido, outras vezes não. A proibição para nós era o pior caminho, porque nós íamos, sim, correr um risco de naturalmente viver situações de conflito dentro da vila que eram desnecessárias e mais estressantes para o momento estressante que já vivíamos.

A questão que envolveu o relacionamento entre a menina dos saltos ornamentais e o rapaz da canoagem é um fato normal que acontece dentro dos jogos. Você está envolvendo ali dez mil, onze mil atletas jovens que estão no momento de extrema felicidade, tensos em relação à sua participação esportiva, os relacionamentos acontecem.

O que nós orientamos e procuramos cercear ali dentro são os excessos e que isso não interfira na participação esportiva, buscando sempre a consciência daqueles atletas do que eles estão fazendo ali. Eles investiram seu tempo, eles investiram suas vidas, as dos seus familiares, as das suas equipes, houve



investimentos públicos e privados na sua participação esportiva. Então nós temos um foco que nós fomos buscar, que é a melhor *performance* esportiva de cada um. Isso pode levar a uma conquista de medalha, a um avanço de fase numa competição individual, mas o que nós buscamos é um melhor resultado individual de cada um. Em alguns momentos alguns utilizam o seu tempo de descanso para fazer coisas que nós não entendemos que seja o correto e nós procuramos orientar. Mais uma vez, nós não vamos proibir que isso venha a acontecer, porque isso acontece.

Então sentamos com os dois, expusemos para eles o que entendíamos que estava sendo feito de errado e procuramos que eles voltassem à questão que foi o seu objetivo de participação ali, que era o foco na competição esportiva. Os dois entenderam e a vida seguiu. Como nós estávamos em evidência nos veículos de comunicação, foi normal que tivesse uma exposição grande e virasse notícia. Foi isso.

(Não identificado) - Deputado, se me permite, tenho mais duas perguntas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Deixe-me só fazer uma ponderação, porque os dois têm problema de voo, que é às 18 horas, e é um horário aqui meio complicado, e nós estamos tendo votação nominal no plenário. Já houve uma, mas estamos numa fase recorrente. Então eu peço o máximo de brevidade, claro, aos senhores que ainda precisam falar, mas, por favor, sejam breves.

(Não identificado) - A próxima pergunta é para o Agberto a respeito de confederações que vêm atravessando problemas atualmente, como o basquete. Essa é uma pergunta inclusive que eu trago da redação do UOL em São Paulo, o meu colega Fábio Aleixo que faz essa pergunta a respeito da Confederação de Basquete que está sofrendo uma intervenção. Nós também estamos sofrendo com problemas na Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos e Taekwondo. Essas são as que me vêm à memória agora. De que maneira vocês estão trabalhando isso, como é que o Comitê Olímpico do Brasil — COB — está trabalhando especificamente a questão do basquete e esses problemas políticos nas confederações? Isso pode atrapalhar o planejamento para Tóquio?

Obrigado, Deputado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Por nada, querido. Um abraço.



O SR. AGBERTO CONCEIÇÃO GUIMARÃES - Vou começar pelo final. É claro que todo problema de gestão em qualquer uma dessas confederações atrapalha o objetivo-fim, que é trabalhar com atletas, com as equipes e com o rendimento, ou seja, interfere diretamente nisso. O que vamos fazer?

Quando eu voltei, a convite do Nuzman, para o COB, ele me deu duas missões: a primeira delas diz respeito exatamente à sua pergunta. Ele falou: Agberto, que você trabalhe um pouco mais junto às confederações para implementar ou para ajudar a melhorar a governança, a gestão, a prestação de contas, todo esse tipo de coisa. Ou seja, nós, na nossa reestruturação que foi feita agora com as equipes da área de esportes, já dividimos essa tarefa. Então nós vamos ter uma área que vai cuidar especificamente de trabalhar com as confederações, no relacionamento com as confederações, e também oferecendo um apoio para as confederações para melhorar o processo de gestão e administração de cada uma delas. Essa área é uma área que será liderada pela Adriana Behar e sua equipe. Nós vamos trabalhar muito com as confederações e também com o Ministério do Esporte. Então o nosso objetivo é oferecer ferramentas para que as confederações melhorem o seu processo de gestão.

As confederações que hoje têm problemas têm que buscar resolvê-los. O COB vai, sempre que for necessário, apoiá-las para resolver os problemas que elas têm, porque, se elas não resolverem, são problemas que nos afetam também. Então nós somos parceiros para resolver todos esses problemas. Quanto menos os problemas existirem, quanto maior serão as nossas chances de sucesso com o esporte, que é o nosso foco.

O outro foco que o Nuzman me deu é no alto rendimento, ou seja, focar no trabalho, digamos assim, como dizem os goleiros: nas quatro linhas. O nosso foco é dentro da área de treinamento e competição. Eu dizia sempre, como Diretor Executivo de esportes do Rio 2016, que, se nós fizéssemos um bom planejamento para os jogos, para a organização dos jogos e que tudo corresse perfeitamente dentro da área de treinamento, aquecimento e competição, que o resto passaria em branco, e foi exatamente o que aconteceu. Quando funciona a área de competição, a área onde o atleta, o treinador, os árbitros e a área de tecnologia de resultado funciona bem, o resto é equilibrado. Então nós conseguimos fazer isso bem feito



durante os jogos. É o que eu quero fazer agora com a nossa equipe na área de esporte do Comitê Olímpico do Brasil — COB —, é dar uma atenção 100% à área técnica de resultado, ok?

O SR. JORGE BICHARA - Só complementando a questão específica do basquete, na realidade não houve ainda uma intervenção. Houve uma suspensão da Confederação Brasileira de Basquete até janeiro do ano que vem pela Federação Internacional de Basquete — FIBA—, o Dr. Nuzman tem entrado em contato direto com a Presidência da FIBA, com a Secretaria-Geral através do Patrick Baumann e tem conversando sobre essas questões em relação ao basquete.

Existe uma atenção especial, sim. O basquete é uma modalidade tradicional no nosso País que tem um espaço grande na torcida brasileira e para nós é uma modalidade fundamental dentro da nossa qualidade de *performance*.

O COB já teve reuniões com o Ministério do Esporte em relação a esse tema e esperamos que a solução seja dada antes até do final de janeiro e que consigamos estabelecer uma política que possibilite uma retomada do crescimento do basquete nacional.

(Não identificado.) - É que talvez o COB não use a palavra intervenção, mas há uma pessoa da FIBA, um enviado da FIBA que está atuando no lugar da Presidência, que é o Saez, que deve sair nesta semana, se não me engano. Acho que vocês têm essa informação mais precisa do que eu, o que, na prática, se caracteriza como uma intervenção. Talvez o COB não entenda como intervenção, mas nós temos um gestor temporário ali administrando a Confederação Brasileira de Basquete. É esse o cenário atual.

O SR. JORGE BICHARA - O Saez esteve no Comitê Olímpico do Brasil — COB —, ele conversou já lá dentro, ele apresentou já algumas ideias, ele está auxiliando através da FIBA esse primeiro processo de avaliação do cenário que tem dentro do basquete e as possibilidades. Ele já apresentou algumas sugestões e está formatando um plano de reestruturação do basquete.

(Não identificado.) Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Obrigado.

Concedo a palavra ao Deputado João Derly.



O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Bom, nós vamos ter muito conteúdo. Não vou entrar aí na profundidade do tema que já passou antes, mas quero mesmo só fazer uma pergunta sobre a participação de algumas modalidades. Gostaria de ter uma avaliação bem sincera. Acho que vocês já até explanaram um pouco sobre isso. Se pegarmos, por exemplo, o bolsa-atleta, nós temos aí um valor de repasse. Eu sei que isso não é demanda do Comitê Olímpico Brasileiro.

O SR. AGBERTO CONCEIÇÃO GUIMARÃES - E nós não chegamos a esse ponto, não é Deputado João Derly? Nós passamos em branco e não tivemos o bolsa-atleta, está certo?

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - É infelizmente. Mas se pegarmos o atletismo, que tem hoje um total de 9 milhões, quase 10 milhões de reais entre os atletas de base, estudantil, a bolsa nacional, nós tivemos, se não me engano, três finais? Na vara, revezamento feminino e o arremesso de peso.

O SR. AGBERTO CONCEIÇÃO GUIMARÃES - Onze.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Onze finais. Então é bom saber. Nós temos no judô em torno de 2 milhões e 300 mil de aporte também no bolsa-atleta. Nós tivemos sete atletas dos quatorze possíveis na segunda parte que seria quase as finais ou finais. Nós temos a natação com quase, um pouquinho mais de 5 milhões, se não me engano, duas finais, me ajude a corrigir, 11 finais que tivemos aqui no atletismo. Nós tínhamos um número grande de atletas no atletismo, claro que há um número bem maior do que outras modalidades de provas.

A pergunta é se vocês acham que é correto nós apostarmos em provas ou modalidades nas quais não temos tradição ou não temos um potencial. Muitas vezes nós sabemos que o atleta alcançou o índice, mas não tem condições de realmente disputar uma medalha. Eu estou botando vocês numa saia justa, mas é correto nós darmos um tratamento igual ou talvez tratar melhor alguns atletas, ou se há detrimento entre um ou outro?

O SR. AGBERTO CONCEIÇÃO GUIMARÃES - Deputado João Derly, V.Exa. não está me colocando numa saia justa não. Eu diria para V.Exa. o seguinte: nós comentamos aqui, antes de você chegar, que os países que mais tiveram sucesso e que deram um salto de qualidade melhor foram os que melhor escolheram os seus investimentos, nessa linha em que você está falando.



Quando nós pegamos a *performance* do Reino Unido em 2004, em Atenas, comparado ao que aconteceu em 2008, em 2012 e agora em 2016 aqui no Rio, as pessoas ficam abismadas. Poxa, como é que a Inglaterra fez isso? Ela fez isso fazendo exatamente o que você está falando. Ela fez um processo de seleção qualitativo com a seguinte informação: se o atleta João Derly é avaliado e, mesmo sendo campeão brasileiro sul-americano e pan-americano da categoria a que pertence no judô, não está no nível ou no *ranking* próximo a competir com os seus adversários diretos por uma medalha dos Jogos Olímpicos, não faz sentido investir neste atleta.

Não haverá investimento neste atleta. E, obviamente, imaginem a reação das pessoas com relação a isso, mas foi feita uma opção. Então, eu acho que os atletas que obtiveram índice e competiram no atletismo, eles fizeram isso dentro do direito que lhes cabia. Era legal fazer isso.

Para nós, para o Comitê Olímpico do Brasil, principalmente com os Jogos sendo realizados aqui no Brasil, ficou muito difícil falar: *“Olhe, mesmo que você possua índice, eu não vou permitir a sua participação na competição”*.

Então, é uma discussão complexa, não é simples olhar para eles e falar: *“Eu vou tomar uma decisão e escolher não levar o atleta mesmo que ele apresente índices”*. Se o objetivo for vencer, é mais fácil fazer esse tipo de escolha, mas não é uma escolha que soe bem junto à opinião pública.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Eu gostaria de abordar mais uma questão: o atletismo possui cotas? Porque, no judô, há um percentual de cotas da Pan-Americana e da África.

O SR. AGBERTO CONCEIÇÃO GUIMARÃES - Não, no atletismo, há índice.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Apenas o índice?

O SR. AGBERTO CONCEIÇÃO GUIMARÃES - Só o índice em cada prova. Se o país alcançar o índice A em três provas, ele leva três atletas.

O SR. JORGE BICHARA - Sim, três atletas participam. A Federação Internacional de Atletismo estabeleceu, ainda, um sistema de cotas. Se o número “x” de atletas não é completado para determinada prova, ela vai convocando-os para completar a prova. O Brasil só convocou um atleta fora dos convocados pelo índice.



Essa colocação que o Deputado João Derly faz é bem interessante, mas ela leva, como o Agberto falou, a uma discussão que precisa ser bem mais ampla. Existem países onde a limitação da participação do atleta, mesmo que ele apresente o índice, é relacionada à condição da *performance* daquele atleta numa avaliação feita sem considerar os imponderáveis que existem numa competição esportiva.

Na Holanda, por exemplo, se o atleta não se encontra numa determinada posição no *ranking* mundial, mesmo qualificado, ele não participa. Ocorrem situações de o atleta ingressar com uma ação na Justiça, já que ele apresenta o índice, para buscar o amparo jurídico e participe da competição.

O COB adota um conceito de que todos os atletas classificados nos Jogos não convidados, mas classificados nos Jogos, eles irão aos Jogos. Eles têm o direito de ir aos Jogos e são amparados em virtude disso.

Alguns processos de qualificação são feitos em cima dos Jogos também. Então, isso requer um investimento prévio na preparação daquele atleta, que pode culminar com a sua classificação ou não, e aquele investimento prévio pode ter sido efetivo ou não.

Essa discussão é bastante interessante. Eu gostaria, particularmente, de participar dessa discussão: se vale a pena levar esses atletas que, teoricamente, não estão numa condição de conseguir medalha, entendendo que ele não vai conseguir uma medalha e sabendo que isso pode acontecer.

No próprio judô, em Londres, houve situações desse tipo. Havia uma menina que saiu de um peso, foi para outro e conquistou uma medalha. Londres era o país-sede e já estava com a vaga garantida, e ela entrou por ali e conquistou a medalha. Existem situações desse tipo. O percentual é pequeno? É um percentual pequeno, mas ele é real, ele acontece.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. JORGE BICHARA - Ele acontece.

O SR. AGBERTO CONCEIÇÃO GUIMARÃES - Eu acho que essa é a beleza do esporte também. O esporte é bonito por isso. Não é só o favorito que ganha, às vezes o azarão de páreo chega lá e surpreende todo mundo.

O SR. JORGE BICHARA - O nosso medalhista do taekwondo não figurava no *ranking* mundial numa posição de destaque.



O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Sim, claro. Concordo que tem esses aspectos. A preocupação de alguém que consegue um índice, ou a sua classificação, como um tempo antes, depois não atinge mais o...

(Não identificado.) - Esse é um fato interessante. É isso o que estamos discutindo.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - A preocupação é porque investimos num atleta, que conquistou muito antes, e nas Olimpíadas já não rende mais e tem outro surgindo. A preocupação é essa.

O SR. AGBERTO CONCEIÇÃO GUIMARÃES - Por isso mesmo, especificamente no atletismo e na natação, os Estados Unidos fazem as suas eliminatórias muito próximas dos jogos exatamente por isso. Fazemos o seguinte questionamento: e se o cara se machucar ali? Porque ele treina muito para fazer... A disputa nos Estados Unidos por uma vaga para os jogos olímpicos é muito, muito forte.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Algumas competições eles decidem lá mesmo, só vêm buscar a vontade aqui.

O SR. AGBERTO CONCEIÇÃO GUIMARÃES - É. Às vezes é assim.

Essa a discussão que temos considerado, porque vale a pena, sim. Esses esportes individuais, em que se faz um círculo, uma periodização que te permita fazer um pico na seletiva e outro durante a competição principal, vale a pena, sim, empurrar um pouco mais para frente e não fazer o que se falou: "olha, eu faço um índice em maio, mas os jogos são em julho, agosto. Quando chegar lá, já estou cansado, ou seja, estou conformado, já consegui o índice. O que eu queria era fazer o índice e garantir a participação. Então, estou conformado. Eu queria era participar, não estou querendo competir".

É uma diferença muito grande entre competir e participar. Tem muita gente que vai participar e não competir.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Na natação nos Estados Unidos ocorre isso. Lá, a classificatória decide, a medalha é aqui. No Japão, o Sr. Jorge estava me falando, a disputa do judô é lá, o atleta só vai buscar a medalha aonde ela estiver.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Em algumas categorias, não é?



O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Sim, claro!

(Não identificado.) - Vou contar uma historinha para V.Exa. ...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Só uma última pergunta. Em seguida, vou passar a palavra para as considerações finais por causa do voo dos nossos convidados e por causa da nossa sessão.

Tem uma pergunta que chegou, que é a seguinte: a parceria com as Forças Armadas continua? Será ampliada? Envolve mais recursos? Perguntas sobre a parceria com as Forças Armadas.

Já passo a palavra aos senhores, ao Sr. Jorge Bichara. Em seguida ao Sr. Agberto Conceição Guimarães para as considerações finais.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Não sei quem falou, mas já temos um requerimento para discutir um pouco mais a Lei Agnelo/Piva. O requerimento já está protocolado e aprovado. Então, podemos... Não sei se conseguimos este ano, porque os trabalhos já estão terminando, e tem muito trabalho acumulado.

(Não identificado.) - V.Exa. pode promover um churrasco em Porto Alegre...

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Ótimo! E vamos até ao Pará. *(Risos.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Com certeza, meu chefe.

Deputado João Derly, inclusive comentei isso, algumas perguntas até versaram sobre esse tema, algumas distorções que compreendíamos como sendo... Mas há um debate ainda a ser feito. Vamos fazer. Não vamos atropelar absolutamente nada.

Eu passo a palavra também ao Anderson, para fazer a última pergunta, antes de passar aos nossos convidados.

O SR. ANDERSON - Boa tarde.

Parabéns, Deputado Arnaldo Jordy, pela iniciativa. Obrigado pela presença também do Deputado nosso judoca olímpico. Também agradeço a presença dos nossos palestrantes.

Eu vou ser bem rápido aqui e insistir um pouco nesse tema da Lei nº 9.615, de 1998, sobre os recursos oriundos das loterias.

Avaliando o demonstrativo financeiro dos recursos feito pelo COB em 2015, nós vemos as aplicações dentro do que a lei estabelece, bem determinado onde devem ser aplicados os recursos para a área fim, que é o esporte, os programas e



projetos de fomento, formação de recursos humanos, preparação técnica, manutenção dos atletas, eventos.

Não está previsto na lei e não é essa a questão exatamente, mas o COB criou “manutenção da entidade”, está aqui no demonstrativo. Em 2015, foram destinados 36 milhões para manutenção da entidade. Quando se faz uma análise, percebe-se que, se for dividir o dinheiro que foi destinado às federações e confederações, por igual, *per capita* — se não me engano, hoje são 29 confederações —, o recurso fica de 5 milhões para cada entidade. Considerando isso e o esporte, está havendo 36 milhões para administração burocrática do COB e 5 milhões para cada entidade, para o esporte, sem levar em consideração que essas entidades também retiram desses recursos para a sua manutenção.

Então, há muita redução da destinação desses recursos para o fim, que é o esporte. Vendo a apresentação do Jorge aqui, falando dos quadros comparativos com os outros países, a aplicação de recursos em centros de treinamento e tudo mais e os resultados desses outros países, que são de ponta, eu quero que vocês coloquem um pouco aqui sobre isso, que é uma discrepância para mim. São 36 milhões para manter a burocracia da entidade e 5 milhões, se a divisão for considerada *per capita*, para cada confederação.

E a última pergunta é se vocês têm informações de como que se dá essa relação do Estado com os Comitês Olímpicos em outros países, esses países de ponta, a Alemanha, Estados Unidos, nessa questão, principalmente, de recursos, de financiamento e alguma coisa assim.

Era isso.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Só complementando um pouco, não sei de outros países, mas como a informação está fresquinha lá da Austrália, eu pediria até para o Lindberg depois, porque eu já me comprometi com os dois, uma cópia do nosso relatório, para que pudesse passar para o Agberto e para o Jorge. É bem sucinto, mas acho que ajuda.

Lá, por exemplo, quanto ao custeio desses complexos, inclusive de Camberra, onde nós estivemos — o Agberto e o Jorge conhecem —, são cinco centros equivalentes àqueles no país. Chegam a ter, inclusive, um na Itália para os



atletas que treinam com base na Itália. Eu perguntei: *“Por que eles não usam a logística da Itália?”*, vamos dizer assim, porque é muito normal um atleta ir treinar em outra cidade. Eles disseram: *“Não, o nosso padrão é único, e acertamos ou erramos juntos, na equipe. Não tem variações”*. É um conceito deles lá.

Por exemplo, só para compararmos quanto eles investem nisso, o custeio desses equipamentos todo é privado. Eles se viram, alugam, fazem parcerias com empresas, fazem mil coisas, mas o custeio desses equipamentos, no geral, não tem um centavo de recurso público, quer dizer, lá nessa experiência.

Eu passo, então, a palavra inicialmente ao Jorge e, em seguida, ao Agberto.

O SR. AGBERTO CONCEIÇÃO GUIMARÃES - Eu só ia fazer uma consideração aqui, que é a seguinte, Presidente: o relacionamento de todo comitê olímpico nacional com as entidades governamentais de seus países vai até um certo ponto. Os comitês são independentes. Não há uma interferência de Governo nenhum nos comitês. Aí isso varia de local para local.

Nos Estados Unidos, a interferência do Governo americano junto ao Comitê Olímpico americano é praticamente nenhuma, zero. Por quê? Porque é um país em que se permite, como pessoa física, fazer doação. Então, quer dizer, todo o custeio e manutenção do Comitê Olímpico americano é feito com a iniciativa privada. Isso é um fato. Na Alemanha, há um *mix*, onde se tem o Ministério do Interior — eles não têm um ministério do esporte —, que faz uma parte de investimento na infraestrutura, ou seja, parte da manutenção dos centros de treinamentos que são espalhados pela Alemanha inteira é bancada com recursos públicos do Governo Federal, e a outra parte, que é a aplicação de desenvolvimento de esporte e aquela coisa toda, vem de iniciativa privada, que tem, digamos assim, uma influência maior.

No nosso caso aqui, temos as duas coisas. Nós temos uma parte que vem da lei. Você questionou a questão da divisão dos recursos. Uma justificativa que existe para haver uma parte tão grande de administração é porque nós somos obrigados, como Comitê, a prestar contas como se fossemos uma entidade pública, ou seja, a estrutura que tem que ser montada para fazer prestação de contas dos recursos da lei é robusta e demanda que exista uma quantidade de pessoas muito grande para fazer controle financeiro de tudo isso, entendeu? Quer dizer, nós também trabalhamos para ajudar as confederações. O COB tem uma estrutura que não atua



só para juntar as missões e cuidar delas. Nós trabalhamos lá embaixo. Temos os esportes escolares, em que atuamos. Há poucos comitês olímpicos no mundo inteiro que trabalham com a base, como nós trabalhamos aqui. Ou seja, há vários fatores aí.

Tínhamos discutido antes que era muito importante termos, digamos assim, uma discussão um pouco mais aprofundada com vocês, para que vocês entendam, depois de abrir a caixa, o que está dentro da caixa do relógio. Nós só olhamos o ponteiro, para ver se ele está atrasando ou adiantando. É importante saber o que está dentro dessa máquina aqui, para justificar o porquê de ele ter esse desenho ou não. Só para ilustrar um pouco da sua pergunta.

Fala, Jorge.

O SR. JORGE BICHARA - Eu sou completamente favorável a essa discussão. Acho que existem, sim, como o Agberto falou, esses custos relativos a... Os recursos são repassados às Confederações e, pelo que eu entendi, vamos ter um momento em que vamos poder participar junto à Comissão, e o COB apresentar os critérios que utilizou para essa distribuição, os critérios que utiliza os recursos na sua manutenção, eu acho que é uma discussão mais ampla aqui e eu sou completamente favorável que nós tenhamos o quanto antes.

O SR. AGBERTO CONCEIÇÃO GUIMARÃES - Só para não gerar especulação, senão nós ficamos naquele sistema “achologia”, não acho, eu acho. É muito ruim.

Eu sou de uma época em que o Comitê Olímpico do Brasil se reunia exatamente 6 meses antes de cada uma das competições importantes, ou seja, Jogos Pan-americanos e Jogos Olímpicos, para começar a montar a missão.

Nós não tínhamos facilidade alguma de treinamento prévio em lugar algum, não tínhamos equipamento esportivo, a equipe não era profissional, sem crítica a ninguém, porque os tempos eram outros.

Então, quando nós falamos de tudo o que nós vimos fazendo em prol do esporte até agora, eu não sei... Até quando você competiu, mais ou menos, João?

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Até 2012.

O SR. AGBERTO CONCEIÇÃO GUIMARÃES - Até 2012. Imaginem o seguinte: o João já pegou uma fase de esporte muito melhor do que a que peguei,



em termos de preparação, de suporte, ou seja, quando nós olhamos para o que o esporte era, na minha época, na época do Aurélio Miguel, do Oscar, do Pradinho e de tantos outros, nós não víamos nada disso.

Então, é importante também nós olharmos e fazermos uma comparação do que era e do que é hoje.

Atualmente, o que se monta de aparato, de suporte para as nossas equipes e para os nossos atletas, não deve, eu posso lhe garantir, a nenhum país do mundo. O que nós promovemos, fornecemos e oferecemos para cada um dos nossos atletas antes e durante os jogos pan-americanos e os jogos olímpicos é igual aos melhores do mundo. Nós precisamos também olhar um pouco para isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - O futuro é o que está ali.

O SR. AGBERTO CONCEIÇÃO GUIMARÃES - Exatamente, o que está ali.

O SR. ANDERSON - Eu até compreendo. Somente eu fiquei preocupado, porque, vendo isso daqui, a atividade fim está levando menos recursos do que a atividade meio, ao final.

O SR. AGBERTO CONCEIÇÃO GUIMARÃES - Parece, não é?

O SR. JORGE BICHARA - Mas como se falava...

O SR. ANDERSON - Eu fui atleta profissional, fui atleta federado e quando nós chegávamos lá e dependíamos, no meu tempo, da estrutura da confederação era muito precária.

Vendo essas tabelas, vendo essas planilhas, nós ficamos um pouco decepcionados, porque a atividade meio tem mais recursos do que a atividade fim.

O SR. JORGE BICHARA - Por isso que nós temos que, talvez, abri-la porque uma parte desses recursos até eu utilizei na preparação dos atletas, através, às vezes, da contratação de determinados profissionais.

O esporte de alto rendimento é caro. Uma modalidade como a vela, que é uma modalidade tradicional do país, é cara.

Eu vou dar um exemplo. Uma das classes que nós conquistamos medalha de ouro, o FX, que é a classe da Martine Grael e da Kahena. Um barco novo desse, esse barco que ela competiu nos jogos, foi feito na Nova Zelândia. Nós o compramos no ano dos jogos, com todos os benefícios fiscais. Nós o trouxemos para o país.



Mas para fazermos esse barco, nós mandamos para a Nova Zelândia o treinador dela e contratamos um engenheiro naval, especialista na America's Cup, que trabalhava com a equipe espanhola, para acompanhar, só para verificarmos a hidrodinâmica da formação do barco, que custa 140 mil reais e serve para ser usado por 1 ano, 1 ano e meio. Depois ele não serve mais para uso em âmbito de competição que elas estão competindo.

Uma vela desse barco é usada nove vezes. Depois essa vela não serve mais para ser usada em competição; somente em treino.

Essa é a modalidade que tem dentro dos jogos. Nós não escolhemos essa classe. Ela está lá e nós temos talento para participarmos dela, tanto que somos campeões mundiais e olímpicos nela, mas é cara.

Para podermos treinar com esse barco, nós precisávamos de outro barco para treinar junto com elas. Então, nós tivemos que comprar um segundo barco, adquirido através da Lei de Incentivo, para treinarmos juntos. Esse barco é uma casquinha de ovo que, em 2 anos, ele já é obsoleto para esse nível de competição. A vela é uma modalidade tradicional no País. Entre os dez últimos jogos, conquistamos medalhas em nove.

Então, nós gostaríamos de abrir esses números para que as pessoas tenham um real esclarecimento disso e discutir possíveis distorções ou problemas que tenham acontecido.

Eu acho que vale, sim, esse encontro para nós conversarmos.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Desculpe, eu sei do avançado da hora, mas, rapidamente...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Pois não.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - A lei da isenção do IPI é muito importante para que se barateie o custeio...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - ...dos insumos.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Essa é a opinião do Comitê.

O SR. AGBERTO CONCEIÇÃO GUIMARÃES - Para nós é importantíssimo.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Precisamos dos senhores, então, para que possamos aprovar isso. Já tomamos o veto este ano. Aprovamos na Câmara dos Deputados, no Senado Federal e, infelizmente, tomamos o veto.



O SR. JORGE BICHARA - Eu acompanhei, através do Cássio Rippel, eu e você, as discussões.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Nós estamos nessa batalha. Peço o empenho do Comitê Olímpico nesse sentido.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Muito obrigado a todas e a todos os companheiros.

Deputados que compareceram a esta sessão: César Halum, Danrlei de Deus Hinterholz, João Derly, Andres Sanchez, José Rocha, Roberto Alves, Arnaldo Jordy, Flávia Morais, Goulart, Evandro Roman e Rubens Bueno.

Agradeço em especial ao Jorge Bichara do Comitê Olímpico do Brasil — COB; ao Agberto Conceição Guimarães, nosso amigo, e ao Deputado João Derly, que é autor também dessa iniciativa.

Acho que nós precisávamos já, o mais breve possível, dos contatos, Agberto, para nós, talvez, até, fazermos uma visita ao COB para podermos, depois dos dados que estamos aguardando, inclusive, do Tribunal de Contas e de outras instituições, nos apropriarmos um pouco mais.

Não adianta irmos também sem ter o mínimo de acúmulo. Assim, nós agendamos essa nossa ida lá para, com calma, apresentarmos qual a ideia que está sendo gestada e em que os senhores podem nos ajudar, não só do ponto de vista do conhecimento do que está acontecendo, para que não transgridamos, muitas vezes, pela aparência, que não responde pelo todo.

Isso é uma preocupação nossa também, mas que possa se ajustar e se aperfeiçoar o ordenamento jurídico, a legislação, no sentido de alcançar esses objetivos que eu acho que o Brasil tem efetivamente, depois do que nós vimos lá e de outras experiências, os senhores têm mais do que nós, a possibilidade.

Nós temos a matéria prima, nós temos a dimensão de país, nós temos um povo em número de 200 e poucos milhões, nós temos a 9ª economia do PIB do Planeta. Não é possível que este País não consiga se transformar num país olímpico. Isso depende de nós.

Tem muita confusão, corrupção, bandalheira, muita coisa errada, mas tem muita gente séria querendo fazer, querendo acertar. Sem dúvida alguma, o que foi demonstrado, por esses heróis brasileiros que nos honraram nas Olimpíadas, nos remete, cada vez mais, a superar esses desafios.

Obrigado pela presença, Agberto e Jorge.

Declaro encerrada a presente sessão.